



Do livro impresso ao digital¹

Pablo LAIGNIER²

Sara MARTINS³

Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar o livro desde o seu advento até ao surgimento dos *e-books*, além de suscitar o questionamento da possível aniquilação do texto impresso, em detrimento do formato digital. Na primeira seção, o livro é apresentado na época de seu advento, sob a ótica de Lucia Santaella, além de um breve contexto histórico. A segunda seção trata da difusão de conteúdos, desde o período da interação face a face até a quase interação mediada, que abarca os livros. Esses conceitos tomam por base as definições de John B. Thompson. A terceira seção questiona sobre a possível suplantação dos livros impressos pelos livros digitais, com base em Lucia Santaella, Umberto Eco e Jean-Claude Carrière. A quarta e última seção apresenta o projeto digital Pottermore, que surgiu após o sucesso editorial de livros impressos.

Palavras-chave

Livro; e-book; texto; comunicação multimídia.

1. O advento do livro

Lucia Santaella é pesquisadora brasileira, focada em semiótica e novas tecnologias. Dentre as suas publicações de livros e artigos, será comentado o décimo primeiro capítulo do livro *Linguagens líquidas na era da mobilidade: Do texto impresso à hipermídia*. Conforme o título do texto sugere, Santaella apresenta o panorama da comunicação textual desde o advento da prensa de Gutemberg e consequentemente, o livro impresso, até a criação da hipermídia, possibilitada pela linguagem usada na Internet. Para a análise semiológica, o vocábulo *texto* abarca linguagens além da verbal, como “a pintura, peças ou fragmentos musicais, sinais de tráfego, vestimentas etc.” (SANTAELLA, 2007, p. 285). Porém, no capítulo supracitado, a autora usa a *texto* em sua acepção linguística. Embora Santaella cite diversos meios de comunicação como o

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Comunicação Multimídia, da Intercom Júnior – VI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Orientador do trabalho: Doutorando em Comunicação pela ECO/UFRJ e professor da UNESA (2004-2011). Contato: pablolaignier@yahoo.com.

³ Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da UNESA. Contato: saramartinsrio@gmail.com.

telégrafo, o jornal, a televisão e o rádio, o presente trabalho focará o livro desde sua criação como impresso até a adaptação de conteúdo para o suporte eletrônico.

Tanto a tinta quanto o papel já existiam antes da fabricação da prensa tipográfica por Gutenberg e permitiam que a comunicação fosse além do diálogo presencial, que se dá através da oralidade, dos gestos e está limitado no tempo e no espaço. Inicialmente, o papel era feito na China, Japão e Coréia. Esses países também desenvolveram meios para registrar a escrita sem necessidade de manuscritos. Porém, as técnicas não possibilitaram a durabilidade do material impresso. A prensa de Gutenberg, produzida na Europa, usava letras de chumbo e era pesada. Assim, a durabilidade da impressão resistia ao longo do tempo. Certamente era mais fácil difundir o método de impressão pela Europa, que apesar de ser constituída de diversas nações e línguas, tem um alfabeto mais simples e um número menor de letras a serem produzidas do que inúmeros símbolos rebuscados do chinês.

Antes da prensa tipográfica o valor dos livros era caro e as cópias eram escassas, lidas apenas por quem poderia arcar com os altos custos de produção. A maior parte das igrejas pequenas da Europa não tinha recursos para comprar um exemplar da Bíblia. Elas copiavam determinadas passagens que eram necessárias para a celebração da missa. (BLAINEY, 2004, p. 160). No período de propagação da Igreja Católica, iniciado no século IV, alguns homens do clero eram responsáveis por reproduzir textos. Segundo Pablo Laignier, “os monges copistas eram responsáveis pela cópia dos manuscritos antigos. (...) a despeito disso, mais do que difundir o saber dos antigos, os monges católicos guardavam este conhecimento para si.” (FORTES, LAIGNIER, 2009, p. 24). Esse paradigma teve uma mudança profunda e irreversível após a criação e difusão da tipografia. Rafael Fortes assinala as modificações acarretadas pela imprensa:

a) a possibilidade de imprimir numerosas cópias – idênticas – de um mesmo livro; b) o aumento da variedade e quantidade de títulos disponíveis; c) tornou-se comum a tradução de obras para vernáculo, diferentemente das edições anteriores, disponíveis em latim e grego; redução do preço dos livros. (FORTES, LAIGNIER, op. cit., p. 30)

Após a invenção da imprensa, o número de obras e leitores aumentou graças aos fatores supracitados. Santaella diz que “o livro impresso (...) transformou a informação em objeto transportável, rompendo com os mistérios do conhecimento reservado a poucos privilegiados, eruditos religiosos e nobres, expandindo a capacidade de leitura.” (SANTAELLA, op. cit., p. 286). Dessa forma, houve uma mudança social, política e

cultural na sociedade. Através do material escrito, é possível romper a barreira fixada pelo tempo e espaço. Segundo Lévy,

a escrita abriu um espaço de comunicação desconhecido pelas sociedades orais, no qual se tornava possível tomar conhecimento das mensagens produzidas por pessoas que se encontravam a milhares de quilômetros, ou mortas há séculos, ou então que se expressavam apesar das grandes diferenças culturais ou sociais. A partir daí, os atores da comunicação não dividiam mais necessariamente a mesma situação, não estavam mais em interação direta. (LÉVY apud FORTES, LAIGNIER, op. cit., p. 25).

Tanto as primeiras editoras quanto instituições tipográficas europeias não se restringiam ao comércio de livros, pois serviam de local de encontro de intelectuais, eruditos e clérigos. (THOMPSON, 2008, p. 57). Aos poucos, a produção e distribuição de obras em larga escala modificaram a sociedade europeia e elevaram o índice de instrução do povo. Vendedores ambulantes circulavam com almanaques e livros populares pelas cidades. A prática da leitura em voz alta alcançava os analfabetos, que não tinham condições de entender os textos escritos. Aos poucos o livro foi incorporado à tradição (THOMPSON, 2008, p. 60) e os indivíduos não dependiam mais somente da oralidade para se comunicar. Além disso, não precisavam necessariamente compartilhar o mesmo tempo e espaço para ter acesso às informações. Através de textos impressos, é possível transmitir tradições, costumes, cultura e saberes para diversos indivíduos em diferentes contextos temporais e geográficos. Thompson enquadra essa relação social estabelecida pelo livro, que é disseminada em diferentes tempo e espaço, de quase-interação mediada, conforme será considerado a seguir.

2. Difusão de conteúdos: da interação face a face à quase interação mediada

Em *A Mídia e a Modernidade – Uma Teoria Social da Mídia*, John B. Thompson, sociólogo, professor da Universidade de Cambridge, descreve três tipos de interações possíveis entre os indivíduos: face a face, mediada e quase interação mediada. Para que a face a face aconteça, o emissor e o receptor devem estar face a face, literalmente. Eles precisam estar juntos no mesmo espaço e tempo. Há o caráter dialógico nas interações face a face: é possível intervir no diálogo e interagir com os produtores das mensagens. Existe também a multiplicidade de deixas simbólicas na transmissão e interpretação do que é dito. Conforme Thompson, “as palavras podem vir acompanhadas de piscadelas e gestos, franzimento de sobrancelhas e sorrisos, mudanças na entonação e assim por diante.” (THOMPSON, 2008, p. 78). Essa comunicação é



completamente sujeita ao mesmo lugar e período temporal, perdendo-se no tempo. Seu registro depende da memória, que nem sempre é precisa ao relembrar os acontecimentos.

A interação mediada requer o uso de um meio técnico, seja uma simples folha de papel ou fibra ótica. Por isso, ela não está fixada no tempo e no espaço. O emissor pode transmitir a mensagem num tempo e espaço diverso do receptor. Por esse motivo, não é possível presumir que o receptor capte todas as expressões denotativas. As interações mediadas, segundo Thompson, “implicam um certo estreitamento na possibilidade de deixas simbólicas disponíveis aos participantes”. (THOMPSON, op. cit., p. 79).

Mesmo nas sociedades chamadas de primitivas havia a comunicação e troca de informações, pois o conteúdo simbólico permeia a vida dos seres humanos. Todavia, com o surgimento e aprimoramento da tecnologia, foi possível ao longo do tempo não só produzi-lo, como também armazená-lo e reproduzi-lo. Os meios de comunicação participam da produção, armazenamento e circulação de conteúdos. O desenvolvimento desses meios, “é, em sentido fundamental, uma reelaboração do caráter simbólico da vida social.” (THOMPSON, op. cit., p. 19). A mídia adicionou uma nova forma de interação no cotidiano, chamada por Thompson de quase interação mediada, pois não tem a reciprocidade das outras interações. Os meios de comunicação de massa permitem e perpassam as relações sociais. As mensagens produzidas e transmitidas por e para a televisão, rádio, jornal, livros etc. não estão presos no tempo e espaço. Podem ser disseminadas em contextos distintos. Porém, não é possível estabelecer um diálogo nem interferir no que está sendo transmitido no exato momento que se recebe o conteúdo.

O livro possibilita a difusão de ideias, teorias e conhecimento de maneira mais fácil, barata e rápida. Portanto, há uma democratização na propagação de informações. O texto impresso também contribui para que o conhecimento seja estendido a diversos locais e épocas, pois é passível de ser reproduzido inúmeras vezes. O conteúdo passado de maneira oral pode ser perdido detrimento do tempo, a transmissão sofre modificações de uma geração para a outra. Porém, o suporte impresso é fiel ao registro.

3. Os livros serão suplantados pelos e-books?

A história da computação possibilitou o surgimento e difusão da internet, que inseriu uma nova forma de troca de informações e permite sociabilidade diferenciada. Durante o período denominado de Guerra Fria⁴, o governo norte-americano financiou o

⁴ Após a Segunda Guerra mundial, houve uma demanda diplomática entre Estados Unidos e União Soviética, chamado de Guerra Fria. O mundo dividido entre o bloco socialista e o bloco capitalista e viveu um período de tensão

projeto denominado de ARPANet⁵, desenvolvido pela agência americana ARPA (*Advanced Research and Projects Agency* – Agência de Projetos de Pesquisa Avançada, tradução nossa). A ARPANet tinha a finalidade de melhorar a comunicação entre os militares americanos, interligando-os. Contudo, não havia um centro definido, nem mesmo uma única rota para a transmissão de informações, tornando a rede praticamente indestrutível. Finda a Guerra Fria, o projeto sofreu alterações e passou a ser usado por civis. Inicialmente, esteve restrito às universidades e outras instituições que faziam trabalhos relacionados à defesa americana. Na década de 1970, a ARPANet foi separada entre MILNET (rede para assuntos militares) e Internet, a parte pública, acessível aos civis. Segundo LÉVY,

o ciberespaço integra todas as mídias anteriores, como a escrita, o alfabeto, a imprensa, o telefone, o cinema, o rádio, a televisão e, adicionalmente, todas as melhorias da comunicação, todos os mecanismos que foram projetados até agora para criar e reproduzir signos. O ciberespaço não é um meio, um metameio. (...) O ciberespaço – que é o espaço de comunicação aberto pela interconexão global de computadores – ocasiona uma nova configuração de larga escala de comunicação “muitos para muitos”. (LÉVY, 2000, p. 64).

Graças à internet, que alterou e continua modificando a comunicação contemporânea, foi possível criar *e-book*. O termo, de origem inglesa, é uma abreviação para o termo *eletronic book* (livro eletrônico, em português). O conteúdo do livro eletrônico não difere do livro impresso em conteúdo, apenas no suporte onde ele é armazenado. O projeto de elaboração de versões digitais dos livros circula entre o público desde 1971, quando o americano Michael S. Hart desenvolveu o Projeto Gutenberg. Hart recebeu por engano verba equivalente a US\$ 100.000.000,00 em horas de atividades relacionadas com computação quando trabalhou para a Xerox Sigma V no *mainframe* do Laboratório de Pesquisa de Matérias da Universidade de Illinois. Decidido a reembolsar o valor do tempo de computador que tinha sido dado, Hart resolveu que a melhor maneira de restituir o montante não seria em atividades de computação, mas o armazenamento, recuperação e busca do material armazenado nas bibliotecas. O primeiro texto digitado foi a Declaração da Independência dos Estados Unidos da América⁶. Os livros digitalizados foram produzidos em formato ASCII

que inspirava uma nova luta armada. Estados Unidos e União Soviética disputavam áreas de influência no mundo, a fim de interferir política e economicamente em outras nações.

⁵ Instituto de Matemática e Estatística IME-USP. A ARPANET. Disponível em: <<http://tinyurl.com/67drkw8>>. Acesso em: 28 jun. 2011.

⁶ Project Gutenberg. Disponível em: <<http://tinyurl.com/2fce3g>>. Acesso em: 08 de jun. de 2011.

(*American Standard Code for Information Interchange* – Código Padrão Americano para Intercâmbio de Informações, tradução nossa), o que possibilitou a padronização de caracteres, passíveis de serem lidos em uma página impressa normal, tais como itálico, sublinhado e negrito. Isso se deve ao fato de todos os sistemas operacionais serem capazes de interpretar o formato.

O Projeto Gutenberg oferece mais de 36 mil *e-books* gratuitos para download para PC, leitores Kindle, iPad, iPhone, Android ou outro dispositivo portátil, nos formatos ePub, Kindle, HTML e texto simples. Todos os *e-books* foram previamente publicados por editoras *bona fide*, ou seja, de natureza inquestionável, com a ajuda de milhares de voluntários. O Projeto é isento de taxa ou registro, aceitando doações de pequenas quantias para a aquisição e digitalização de mais títulos, além de aceitar voluntariado para a digitalização, gravação de livros em áudio e outras funções. Existe ainda um sistema de parceria entre afiliados que disponibiliza gratuitamente um acervo de mais de 100 mil *e-books*⁷. O livro digital pode ser disponibilizado em diversos formatos (extensões de programas de computador). Além disso, o *e-book* possibilita o leitor a carregá-lo em aparelhos eletrônicos, como computadores, PDAs, leitor de livros digitais e alguns celulares, o que faz com que haja maior portabilidade do texto. O primeiro software capaz de ler *e-books* foi desenvolvido em 1993 e desde então, os suportes digitais para leitura contam com melhorias constantes. De acordo com Santaella:

o texto escrito saltou do papel impresso para o sistema alfanumérico das telas eletrônicas. E aqui começa uma nova história do texto, a de sua absorção na hipermídia e sua consequente transmutação de sólido em líquido, de fixo em escorregadio, instável, volátil. (SANTAELLA, op. cit., p. 293).

Pode-se vaticinar que o livro em si, certamente não acabará. Afinal, ele é um marco revolucionário da civilização, uma forma de transmissão de ideias, práticas culturais. É um registro impresso que resiste ao tempo e possibilita que informações sejam recebidas em tempo, local e contexto diferente do que foram emitidas. Ora, o livro eletrônico (*eletronic book* ou *e-book*) não deixa de ser livro. Ele só está em um suporte diferente do papel. O questionamento suscitado pela criação do *e-book* é: eles exterminarão os livros em papel? Santaella argumenta que “não obstante os avanços da WWW, o grosso da informação transmitida pela rede se apresenta na forma de texto. Isso significa que o texto impresso, cedo ou tarde, irá ser engolido pelo texto digital?”

⁷ Project Gutenberg. Disponível em: <<http://tinyurl.com/nkse6>>. Acesso em: 08 de jun. de 2011.

(SANTAELLA, op. cit., p. 295). Segundo Eco, “A opinião pública (ou pelo menos os jornalistas) tem sempre essa ideia fixa de que o livro vai desaparecer (ou então são esses jornalistas que acham que seus leitores têm essa ideia fixa) e cada um formula incansavelmente a mesma indagação”. (CARRIÈRE, ECO, 2010, p. 16).

A criação ou evolução de determinada mídia não implica em extermínio premente de outro. A televisão não extinguiu o rádio ou mesmo o teatro ou cinema. A fotografia não aniquilou a pintura. A internet não suprimiu a produção televisiva, nem aboliu os telespectadores. A convivência e convergência entre as mídias existem e possibilitam que meios diferentes coexistam, se complementem e ajudem no desenvolvimento do outro. O mesmo indivíduo pode ser ouvinte de rádio, telespectador, internauta, leitor de livros. A produção desses meios também difere. O roteiro de uma história para o teatro precisa sofrer alterações para ser transmitida no rádio ou no cinema. Se a obra for escolhida para a programação da TV, também será adaptada em formatos diferentes. A novela não segue a mesma linha dos seriados, por exemplo. Na obra *Não contem com o fim do livro*, Umberto Eco, escritor, professor e semiólogo e Jean-Claude Carrière, escritor, roteirista e dramaturgo comentam de forma peculiar e descontraída a história do livro desde a sua criação impressa até a invenção dos *e-books*. Carrière comenta o surgimento de novos meios ou novas técnicas:

ora, sempre que surge uma nova técnica, ela quer demonstrar que revogará as regras e coerções que presidiram o nascimento de todas as outras invenções do passado. Ela se pretende orgulhosa e única. Como se a nova técnica carresse com ela, automaticamente, para seus novos usuários, uma propensão natural a fazer economia de qualquer aprendizagem. Como se ela propiciasse por si mesma um novo talento. Como se preparasse para varrer tudo que a precedeu, ao mesmo tempo transformando em analfabetos retardados todos os que ousassem repeli-la. (CARRIÈRE, ECO, op. cit., p. 39).

O livro digital ainda tem existência incipiente e apresenta problemas. Alguns deles são contornáveis e outros não. Embora os fabricantes de *e-books* desenvolvam modelos cada vez mais aperfeiçoados e cômodos para o uso, a leitura em telas ainda cansa a visão e pode deixar a sensação de letras embaralhadas. Por isso, muitos leitores preferem imprimir o material, transformando o texto eletrônico em texto impresso, embora a sua origem seja digital. Eco fala sobre essa dificuldade de leitura hiperbolicamente: “passe duas horas lendo um romance em seu computador, e seus olhos viram bolas de tênis.” (CARRIÈRE, ECO, op. cit. p. 16). Para Logan, “a razão disso encontra-se no fato de que ler textos em monitores de vídeo não é uma atividade natural, por causa do modo como o cérebro processa a informação em vídeo.” (LOGAN

apud SANTAELLA, op. cit., p. 295). Enquanto o lóbulo esquerdo do cérebro é responsável pela leitura, o lóbulo direito vê as informações codificadas no vídeo. Por isso, há “um conflito em ler diretamente de um monitor.” (LOGAN apud SANTAELLA, op. cit., p. 295). Apesar dessa condição inerente ao funcionamento cerebral, o ser humano provavelmente se adaptará a leitura de *e-books* com a prática regular de leitura em ecrãs.

Os livros impressos e digitais compartilham problemas em comum: água e fogo podem destruir ambos, por exemplo. Porém, se todo o conhecimento da humanidade estivesse armazenado apenas em um suporte digital e o Planeta sofresse uma queda de energia generalizada, o acesso às informações estaria bloqueado. Carrière afirma que “sem eletricidade, está tudo irremediavelmente perdido. Em contrapartida, ainda poderemos ler livros, durante o dia, ou à noite à luz de uma vela, quando toda a herança audiovisual tiver desaparecido.” (CARRIÈRE, ECO, op. cit. p. 30). Outra questão passível de análise no tangente aos livros digitais é a obsolescência dos suportes digitais, pois a velocidade da substituição de uma tecnologia por outra é grande. Como exemplo, há a forma de gravação de dados no computador. Os disquetes (*floppy disk* ou disco flexível) não são mais fabricados e não é possível comprar um computador novo com entrada para esse dispositivo. Há duas décadas eles eram imprescindíveis para armazenamento e transmissão de dados de um computador para outro. As fitas de gravação VHS e os vídeos cassetes também sofreram os efeitos da nova tecnologia e aos poucos, foram substituídos por aparelhos de DVD. Os suportes e formatos são totalmente diferenciados. Carrière exorta que “não existe nada mais efêmero do que os suportes duráveis.” (CARRIÈRE, ECO, op. cit. p. 24). Ou seja: não é impossível imaginar que em uma década os atuais suportes para gravação e leitura estejam ultrapassados e destinados ao lixo ou museu, enquanto os livros impressos, que perpassaram centenas de anos ainda sejam comercializados e lidos.

Além disso, alguns leitores gostam da sensação tátil provocada pelo livro impresso, do cheiro de novo ou antigo. Há “uma intimidade especial entre o autor e seu leitor que a noção de hipertextualidade irá necessariamente constranger.” (CARRIÈRE, ECO, op. cit., p. 8). Não é possível perceber uma capa com baixo ou alto relevo, texturas, brilho etc em um suporte eletrônico, nem perceber gramaturas diferenciadas do papel. Certamente as gerações acostumadas com computadores e leitura digital não terão problemas de adaptação ao *e-book*.

É inegável que os suportes eletrônicos facilitam a leitura dos livros e armazenamento em algumas situações. Os *e-books* permitem que uma grande quantidade de livros sejam gravados e armazenados em linguagem binária de computador, poupando a utilização de espaços físicos. Em um único aparelho eletrônico pode-se salvar vários títulos e acessá-los a qualquer momento, sem precisar carregar o peso dos livros impressos. Outra vantagem é o preço dos *e-book*. Fazer download de livros digitais é mais barato que a compra de um impresso e o conteúdo é o mesmo. Eles ainda podem ser baixados em sites, que disponibilizam os arquivos gratuitamente. Também é possível aumentar o tamanho da fonte usada no texto e pesquisar palavras ou expressões, recursos que não podem ser usados em livros impressos. Os *e-books* agregam praticidade e economia e por isso, a venda dos leitores de textos digitais está aumentando. A Amazon, criadora do Kindle, divulgou que para cada 100 livros impressos vendidos desde 1º de abril de 2011, foram comercializados 105 livros digitais⁸.

4. Pottermore: do impresso ao digital

A série *Harry Potter* foi escrita por J.K. Rowling, autora britânica, única figura literária inglesa que tem uma fortuna avaliada em mais de um bilhão de dólares, de acordo com os critérios de classificação da revista Forbes. O primeiro livro da série, *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, foi lançado em 1997. Depois da notoriedade do primeiro, foram lançados mais seis livros: *Harry Potter e a Câmara Secreta*, de 1998; *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*, de 1999; *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, de 2000; *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, que foi lançado em 2003, após o hiato de três anos do último lançamento; *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*, de 2005; *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, de 2007⁹. A série é conhecida mundialmente e teve mais de 400 milhões de exemplares vendidos. Há traduções em sessenta e nove idiomas.

Graças ao sucesso editorial, *Harry Potter* virou também uma série cinematográfica, comprovando que os meios de comunicação não aniquilam uns aos outros e sim, se complementam e coexistem, através de linguagens distintas. Os sete primeiros filmes produzidos detêm a franquia cinematográfica mais lucrativa, até então, passando à frente das franquias de James Bond e Star Wars¹⁰. O lançamento da segunda

⁸ Amazon vende mais e-books que livro de papel. Disponível em: <<http://tinyurl.com/3kxuzz8>>. Acesso em: 08 jun. 2011.

⁹ *Harry Potter* (série). Disponível em: <<http://tinyurl.com/25qur3c>> Acesso em: 20 jun. 2011.

¹⁰ Os números mágicos de *Harry Potter*. Disponível em: <<http://tinyurl.com/6k9hpza>>. Acesso em: 22 jun. 2011.

parte do último filme da saga está marcado pra o dia 15 de julho e será o único com versão em 3D¹¹. Projeções indicam que o longa pode arrecadar até U\$ 145 milhões nos três primeiros dias de estreia, além de melhor abertura doméstica de um filme no Canadá e Estados Unidos¹². Ávidos para ter mais produtos da trama, os fãs geraram uma renda avaliada em pelo menos um bilhão de dólares, através da compra de roupas, brinquedos, videogames e outros itens de Harry Potter¹³. Através de Harry Potter, crianças e adolescentes tornaram-se leitores ávidos. A partir de Harry Potter, outras séries passaram a explorar a literatura fantasiosa, voltara para esse público, que aguarda novos lançamentos de livros e posteriormente, dos filmes¹⁴.

O último livro foi lançado em 2007 e o último filme está agendado para julho de 2011. Teoricamente, esse seria o derradeiro projeto envolvendo Harry Potter. Porém, devido ao êxito editorial, cinematográfico e a venda de produtos licenciados, J.K. Rowling lançou o portal *Pottermore* (mais de Potter, tradução nossa), disponível no site oficial <http://www.pottermore.com>. A própria autora gravou um vídeo¹⁵, onde explica preliminarmente como será o portal. Mais do que informações sobre a série, o site contará com a participação intensa dos fãs internautas. Numa rede de sociabilidade na plataforma online, haverá o compartilhamento de informações sobre a saga e novidades escritas pela própria autora, que nunca foram publicadas nos livros impressos. Ela diz que ainda recebe cartas de leitores entusiasmados com a história e que por esse motivo, oferecerá uma leitura online diferenciada das demais, como forma de agradecimento. Segundo o vídeo, as histórias serão redescobertas e compartilhadas em uma experiência única. Além disso, o portal venderá livros narrados em áudio e *e-books* da série¹⁶.

Logo nos primeiros sete segundos de filme, após a imagem de Rowling, é mostrado um livro impresso com páginas em movimento. O livro animado aparece entremeadado com as imagens da autora, como se tivesse vida própria. No decorrer do vídeo, as páginas compõem um portal que se abre. Passando do portal, a grama e as árvores crescem, aranhas andam, e outros objetos aparecem. No fim, a palavra

¹¹ O cinema 3D depende de ilusões de ótica para criar cenas panorâmicas e com profundidade ou objetos que parecem saltar da tela. Os humanos têm visão binocular, ou seja, cada olho enxerga uma imagem diferente e o cérebro às combina em uma única imagem. O cérebro utiliza a sutil diferença angular entre as duas imagens para auxiliar na percepção de profundidade. Disponível em <<http://tinyurl.com/6xh78nc>> Acesso em: 22 jun. 2011.

¹² Último filme da saga 'Harry Potter' terá bilheteria astronômica, diz site. Disponível em: <<http://tinyurl.com/6dzlsul>>. Acesso em: 22 jun. 2011.

¹³ Os números mágicos de Harry Potter. Disponível em: <<http://tinyurl.com/6k9hpza>>. Acesso em: 22 jun. 2011.

¹⁴ Saga de Harry Potter estimula leitura e aquece mercado literário. Disponível em: <<http://tinyurl.com/6bjl2pl>>. Acesso em: 30 jun. 2011.

¹⁵ J.K. Rowling Announces Pottermore. Disponível em: <<http://tinyurl.com/69vpk8u>>. Acesso em: 30 jul. 2011.

¹⁶ Idem. Disponível em: <<http://tinyurl.com/69vpk8u>>. Acesso em: 30 jun. 2011.

Pottermore surge, também advinda das páginas. A animação exemplifica o que o livro impresso ainda representa: ele alimenta a imaginação e através da leitura peculiar de cada um, a história se diferencia e cria vida para cada indivíduo. Além disso, há uma metáfora da própria criação do portal: ele surgiu do livro impresso. O site <http://www.pottermore.com> só existe graças à popularidade do texto impresso. Os fãs terão histórias novas em forma de *e-book*, mas os impressos ainda são vendidos e colecionados por inúmeros leitores no mundo. Ou seja: o livro digital não exterminou o impresso. Pelo contrário, impresso e digital podem conviver em simbiose, acrescentando narrativas textuais aos leitores, que já estão acostumados ao impresso e também aos novos leitores, aficionados pela leitura digital.

Considerações finais

As novas tecnologias e meios de comunicação coexistem ao longo do tempo. A versão em papel dos livros ainda será a predominante por um longo período por diversos fatores. Atualmente, muitos países não contam com um desenvolvimento tecnológico e econômico que permita que cada habitante tenha um computador ou leitor digital, inclusive o Brasil. Além desse fato, que por si só seria um impedimento para conter o avanço ligeiro na venda e uso de *e-books*, é preciso levar em consideração o prazer do leitor em manusear o papel, marcar suas páginas, dobrar, rasurar e até mesmo arrancar folhas, caso deseje. Além do mais, a leitura do livro impresso requer apenas uma fonte de iluminação. Em contrapartida, *e-books* ficam descarregados e precisam permanentemente de uma fonte de energia.

Santaella analisa o impacto da internet (hipermídia) na sociedade atual e indaga: “o que será do texto impresso?” Após análises, a autora fornece a seguinte resposta: “a perda da hegemonia do livro não significa que qualquer mídia possa substituí-lo. Se pudesse, o livro já teria desaparecido. (...) quando surge um novo meio de comunicação, ele não substitui o anterior ou anteriores, mas provoca uma refuncionalização.” (SANTAELLA, op. cit., p. 288). Coadunando com Santaella, Jean-Philippe Tonnac afirma que:

o *e-book* não matará o livro – como Gutenberg e sua genial invenção não suprimiram de um dia para o outro o uso dos códices, nem este, o comércio dos rolos de papiro ou *volumina*. Os usos e costumes coexistem e nada nos apetece mais do que alargar o leque dos possíveis. (TONNAC in CARRIÈRE, ECO, 2010, p. 8).



Por enquanto, livro impresso e *e-book* vão conviver e abarcar leitores acostumados ao toque intimista do papel e também os aficionados por novas tecnologias. O importante é que a humanidade conta com o livro para registro de sua memória, hábitos, costumes e transmissão de pensamento. Independente do suporte digital ou impresso, é possível contar com o livro.

Referências

BLAINEY, G. **Uma Breve História do Mundo**. São Paulo: 2ª Ed. Fundamento Educacional, 2008.

CARRIERE, J., ECO, U. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: 1ª Ed. Record, 2010.

CORREIO. **Saga de Harry Potter estimula leitura e aquece mercado literário**. Disponível em: <<http://tinyurl.com/6bjl2pl>>. Acesso em: 30 jul. 2011.

FILMES 3D. **Como funciona o Cinema 3D**. Disponível em <<http://tinyurl.com/6xh78nc>> Acesso em: 22 jun. 2011.

INFO NOTÍCIAS. **Amazon vende mais e-books que livro de papel**. Disponível em: <<http://tinyurl.com/3kxuzz8>>. Acesso em: 08 jun. 2011.

INSTITUTO DE MATEMÁTICA E ESTATÍSTICA IME-USP. **A ARPANET**. Disponível em: <<http://tinyurl.com/67drkw8>>. Acesso em: 28 jun. 2011.

LAIGNIER, P., FORTES, R. (org.) **Introdução à História da Comunicação**. Rio de Janeiro: 1ª Ed. E-papers, 2009.

PROJECT GUTENBERG. **The History and Philosophy of Project Gutenberg by Michael Hart**. Disponível em: <<http://tinyurl.com/2fce3g>>. Acesso: em 08 jun. 2011.

REUTERS. **Amazon vende mais e-books que livro de papel**. Disponível em: <<http://tinyurl.com/3kxuzz8>>. Consultado 08 jun. 2011.

SANTAELLA, L. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: 1ª Ed. Paulus, 2007.

TERRA. **Último filme da saga 'Harry Potter' terá bilheteria astronômica, diz site**. Disponível em: <<http://tinyurl.com/6dzlsul>>. Acesso em: 22 jun. 2011.



THOMPSON, J. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: 10ª Ed. Editora Vozes, 2008.

VEJA. **Os números mágicos de Harry Potter**. Disponível em: < <http://tinyurl.com/6k9hpza>>. Acesso em: 22 jul. 2011.

YOUTUBE. **J.K. Rowling Announces Pottermore**. Disponível em: <<http://tinyurl.com/69vpk8u>>. Acesso em: 30 jul. 2011.